
Reflexões sobre Educação e Arte no Brasil: o teatro de bonecos como alternativa metodológica de inclusão da arte na cultura do processo educativo

Carina Nascimento*

Maysa Leal Oliveira**

RESUMO

O presente artigo compreende uma reflexão sobre a educação, seu valor, sua utilidade e o que se pode obter dela, considerando o contexto brasileiro; articulada com uma reflexão sobre as artes, mais especificamente o teatro de bonecos e suas possibilidades e importância como alternativas metodológicas na educação. Numa época de expansão universal da civilização moderna principalmente ocidental que tem suas raízes na ciência materialista precisamos urgentemente encontrar uma maneira de escapar dessas tendências hegemônicas. Precisamos de uma educação que reconheça as especificidades do povo brasileiro como gente que não sendo índia, nem africana, nem européia é uma coisa nova nesse

*Mestre em Ciências da Comunicação pela USP - Universidade de São Paulo e professora da Graduação e Pós-Graduação da FIB - Faculdades Integradas de Bauru.

**Mestra em Cultura e Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, FLUP.

mundo. Uma educação que trabalhe pela recuperação do equilíbrio triangular entre as contribuições de nossas matrizes culturais; que procure transcender o modelo racional e a lógica mecanicista; a favor da vivência de conteúdos instigantes para que as crianças reflitam com liberdade, sobre questões éticas, valores, e formem-se indivíduos capazes de viver as incertezas que serão enfrentadas no futuro. E a arte se apresenta como alternativa capaz de alimentar a religiosidade, a reverência, a devoção, a compaixão, a confiança, a capacidade de experimentar a beleza, e de distinguir entre o bem e o mal. O teatro de bonecos é uma possibilidade de inclusão da arte e da cultura no processo educativo, com grande potencial de vivência e de troca entre alunos e educadores.

Palavras Chave: Brasil, Educação, Artes, Teatro de bonecos.

Vamos retomar uma questão essencial proposta originalmente pelo chileno e biólogo do conhecimento Humberto Maturama, em seu interessantíssimo trabalho *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. A questão é muito simples: “Para que serve a educação?” Ou, dito de outra maneira, “o que queremos da educação?” Para avaliar qualquer afazer humano, no que diz respeito ao seu valor ou à sua utilidade é preciso saber o que é que se quer. Assim, não podemos refletir sobre arte e educação sem antes, ou simultaneamente, refletirmos sobre o contexto social mais amplo ou projeto de sociedade ou país no qual estão contidas as nossas reflexões sobre arte e educação.

Considerando a realidade chilena, que em muitos aspectos se assemelha à realidade brasileira¹, Maturama observou a existência de dois contextos claramente distintos. O primeiro, em que ele teria vivido como estudante, e outro, no qual vê os estudantes de hoje sendo obrigados a viver. Maturama estudou, conforme afirma, para devolver ao seu país o que havia recebido dele e estava, assim como a geração anterior a sua, “mergulhado num projeto de responsabilidade social porque havia um compromisso explícito ou implícito de realizar a tarefa fundamental de acabar

1 Em seus estudos de antropologia da civilização, Darcy Ribeiro apresenta uma tipologia dos povos extra europeus na qual situa brasileiros e chilenos, como *povos novos*, ou seja, oriundos da conjunção, deculturação e caldeamento racial de povos muito díspares que se fundiram no corpo de novas etnias. Desatrelados de suas matrizes originais, concluíram, no curso de violento processo histórico, seu processo de autoedificação étnica e não estão presos a qualquer tradição do passado. São povos em disponibilidade, abertos ao novo. Esses povos não nasceram como etnia por um desígnio dos seus criadores, mas surgiram, ao contrário, como uma conseqüência indesejada do empreendimento colonial cujo propósito era produzir riquezas exportáveis. Após séculos de existência como proletariado externo de outros povos, emergiram como nações aspirantes ao comando de seu destino, mas, ainda hoje, situam-se debaixo da pressão hegemônica norte americana.

com as desigualdades”. Entretanto, “as situações e as preocupações dos estudantes de hoje mudaram”:

Hoje os estudantes encontram-se em seu processo educacional, a preparem-se para serem competitivos no mercado profissional.(...) A diferença entre preparar-se para devolver ao país o que se recebeu dele trabalhando para acabar com a pobreza e as desigualdades e preparar-se para competir no mercado de trabalho é enorme. Trata-se de dois mundos completamente distintos. (...) A minha vida estudantil pode ser vivida sem conflitos porque a minha emoção e sensibilidade frente aos outros e meu propósito ou intenção a respeito do meu país coincidem. Hoje essa coincidência entre propósito individual e social não se dá porque no momento em que uma pessoa se torna estudante para ser mais competitiva profissionalmente, ela faz da sua vida estudantil um processo de preparação para participar num mundo que se define pela negação do outro e nesse mundo não existe convivência sadia porque a vitória de um surge da derrota do outro. (MATURANA, 1998)

No Brasil, assim como no Chile, estamos diante de uma cultura exógena, que valida a competição e a luta e historicamente nega o outro como legítimo na convivência. Isso é um erro se o que queremos é uma convivência na qual não surjam a pobreza, o abuso, e a opressão como modos legítimos de vida. Não existe competição sadia nem luta fraterna.

Precisamos de uma educação na qual a pobreza e os abusos se apresentem como erros que podem e devem ser corrigidos. E se a educação desvaloriza o que nos é próprio, se nos convida a um pensar distante do cotidiano, se a educação nos conduz a uma apropriação do mundo natural e não à nossa convivência harmoniosa com ele, se a educação não convida a criança e os jovens à responsabilidade e à liberdade de serem cocriadores do mundo em que vivem porque limita a reflexão, então essa educação não serve ao Brasil e nem ao povo brasileiro.

Precisamos de uma educação para todos, que reconheça as especificidades do povo brasileiro como gente que não sendo índia, nem africana, nem européia é uma coisa nova nesse mundo. Uma educação que trabalhe pela recuperação do equilíbrio triangular entre as contribuições de nossas matrizes culturais; que procure transcender o modelo racional e a lógica mecanicista; a favor da vivência de conteúdos instigantes para que as crianças reflitam com liberdade, sobre questões éticas, valores, e formem-se indivíduos capazes de viver as incertezas que serão enfrentadas no futuro. Uma educação a favor de vidas com significado para o indivíduo e para a sociedade.

Numa época de expansão universal da civilização moderna principalmente ocidental que tem suas raízes na ciência materialista precisamos urgentemente encontrar uma maneira de escapar dessas tendências hegemônicas. E é aí que a arte se apresenta como alternativa capaz de alimentar a religiosidade, a reverência, a

devoção, a compaixão, a confiança, a capacidade de experimentar a beleza, e de distinguir entre o bem e o mal. E é aí que se inscreve nosso segundo eixo de reflexão que é a questão da arte e mais especificamente do teatro de bonecos.

A comparação entre a escola que foi construída e a que é desejada também deve compreender elementos de utopia e esperança. É preciso indicar as possibilidades e a importância das alternativas metodológicas, da inclusão da arte, da cultura e, portanto, do teatro de bonecos como potencial de vivência e de troca entre alunos e educadores.

Embora o teatro de bonecos seja uma arte muito antiga, só recentemente, essa modalidade artística foi institucionalizada no Brasil e trazida para dentro das universidades como campo de pesquisa. Pelo Brasil afora, os atores bonequeiros são em geral, “jogadores de brincadeiras e artesãos de seus próprios bonecos, diretores de suas peças, compositores de seus textos e músicas”. Esse tipo de ator é polivalente, faz de tudo um pouco: encena espetáculos expressando-se com os bonecos, por vezes extrapola os limites da empanada e sai para uma relação direta com o público, busca patrocínios e condições de realização, faz a divulgação e venda do espetáculo, define materiais de propaganda.

O aprendiz desta arte aprende observando o mestre, assimilando seus procedimentos e técnicas, sofrendo contínuo processo de aperfeiçoamento. O acervo vai sendo construído através de elementos da tradição e da prática do artista; na confecção das esculturas, bonecos e objetos; na animação das personagens e seu caráter; no uso da voz, de recursos para provocar o riso e improvisação; na relação com a platéia. Tudo de forma indissociável e não fragmentada, vai sendo assimilado sem uma hierarquia ou sequência definidos. (BELTRAME 2001)

O teatro de bonecos traduz uma postura política, ao lado dos oprimidos e do popular que pertence à maioria dos homens.

A característica dessa formação é ser assistemática. As técnicas e conteúdos são passados, com a organização dos conhecimentos adquiridos com a prática, no próprio trabalho ou por apreensão. Não existe um currículo, nem um tempo determinado, tão pouco planejamento de conteúdos e execução, nem especialistas da área. São formas distintas do saber escolar, de se elaborar o conhecimento e transmitir saberes. (MIACHON, 2006)

Toda verdadeira compreensão surge da capacidade de perceber. Uma experiência sensorial em sua máxima amplitude tem um papel fundamental no desenvolvimento dos sentidos. O passo seguinte no processo de aprendizagem é o progressivo aumento da tomada de consciência daquilo que se percebe.

Cada indivíduo, explorando as várias possibilidades e diferenças de expressão e interpretação, reage aos estímulos da arte de forma particular e especial, de acordo com

a sua idade, experiência, sensibilidade, cultura, informações. Essa resposta individual, essa experiência particular, convive com idéias partilhadas entre os seres humanos: são reações que ressoam na imaginação, nos sentimentos, no intelecto e possibilitam refletir sobre quem somos nas relações com o outro e com o mundo. É possível despertar esses pensamentos críticos por meio da arte. (MIACHON, 2006)

Compartilhamos a concepção de que todos os indivíduos precisam passar por várias e enriquecedoras experiências estéticas e que os educadores devem preparar essa apreciação. A arte é uma necessidade do ser humano e tem várias funções na sociedade e na cultura. Por isso, pode ser uma alternativa no cotidiano escolar, para além do giz e da lousa; do papel e do lápis.

Importa o encantamento que o teatro de bonecos causa nas pessoas, o despertar de lembranças, experiências e vivências artísticas. A reflexão possível diante dos conflitos apresentados como instantes dramáticos, por meios de temas propostos concretamente, pela apresentação de ideias escolhidas para sensibilizar aquele que vê, ouve, canta, cheira, pega e dialoga com a imaginação, que é despertada na revelação objetiva e subjetiva que esta linguagem artística instiga. (MIACHON, 2006)

No teatro de bonecos encontram-se variadas expressões e recursos artísticos. É arte complexa que une num mesmo tempo e espaço, a música, as artes plásticas, a dança, com um universo de possibilidades. Ana Maria Amaral, a grande pesquisadora do teatro de bonecos no Brasil, tinha no início de sua trajetória, o objetivo de propiciar aos frequentadores de bibliotecas, instigantes alternativas que os levassem à leitura. Entrou em contato com fantoches rudimentares para atrair as crianças e descobriu o fascínio que eles podiam exercer.

O boneco tem muita energia, por ser uma reprodução do homem em escala reduzida; provoca com isso, uma espécie de energia cristalizada. Ele fascina pelo material de que é construído, atrai pelo visual inusitado, pela tentação de dominá-lo. Os bonecos nos perturbam num jogo de transformações, simulações e revelações. Transmitem idéias, dão-nos recados através do riso, das formas, dos movimentos; causando surpresas e provocações; levando à reflexão e à meditação; despertando emoções estéticas pelas quais ludicamente aprendemos e penetramos o mundo da arte.

A imagem antecede a palavra, comunica mais rápido e diretamente. É mais universal. O teatro de bonecos permite que a pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais ou culturais que nos caracteriza como brasileiros possa ser pensada como matéria prima da aprendizagem; não simplesmente como dias especiais, mas possibilitando trocas e processos de equidades entre sujeitos diferentes.

Quando as crianças estão preparadas para o tema que vai ser desenvolvido e têm

uma expectativa e experiências anteriores com o teatro, a interação é enriquecedora, pois há a participação da platéia, fazem perguntas, interessam-se em ver de perto os bonecos, pegam-nos e vão até a empanada e exploram esse universo, com certeza marcando em suas vidas esse momento encantador. As aulas dramáticas nunca são esquecidas porque permitem a vivência emocional e existencial. A memória da vivência é mais ampla, profunda e duradoura, formada por palavras e imagens, pensamentos e emoções. O valor educacional da arte reside na sua natureza intrínseca e não precisa de outras justificativas. A arte é um meio para a liberdade da mente humana e esse é o objetivo real e último de toda educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRAME, Valmor. *Animar o inanimado: a formação profissional no teatro de bonecos*. Tese de doutorado USP/ECA. São Paulo, 2001.
- DIÓGENES, Glória. *Cenas de uma Tecnologia Social: botando boneco* (experiências do SESI/CE com teatro de bonecos). Annablume, São Paulo, 2004.
- GOBEL, Nana; MAcALICE, Jon. *Catálogo da Exposição Pedagogia Waldorf apresentada por ocasião da 44ª. Conferência sobre Educação da UNESCO*. UNESCO, Genebra, 1994.
- LIMA, Marcondes. *Teatro de Bonecos: o riso como instrumento de educação*. Monografia, UFPE, Recife, 1997.
- MATURANA R., Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- MIACHON, Emile. *A Abordagem cultural na prática pedagógica: análise de uma experiência com o Teatro de Bonecos em Escolas Públicas*. Tese de mestrado. Campinas/SP, 2006
- ROLIN, Carla de Souza. *O Ensino do teatro de Formas Animadas na Escola Pública Florianopolitana*. TCC, UDESC, Florianópolis, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- SILVA, Josias Wanzeller. *O Teatro de Boneco Mamulengo e a Autoestima dos Alunos Defasados Série-Idade*. TCC, UNB, Brasília, 2006.
- SILVEIRA, Sonia Maria. *O Teatro de Bonecos como Prática Educativa*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1997.